



Testemunho da memória oral

A n t ó n i o B a r r o s C a r d o s o *

Neste número da revista Douro – Estudos & Documentos damos início a uma nova secção dedicada à história oral. Trata-se de um projecto que, pelo menos desde 2001 temos procurado desenvolver no âmbito das actividades da Unidade de Investigação e Desenvolvimento GEHVID que, nessa altura, foi dotada pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia de equipamentos próprios destinados à prossecução dessa mesma actividade. Mais recentemente (2005) o apetrechamento técnico foi melhorado com a aquisição de material de gravação mais sofisticado.

A riqueza da informação oral para um território vivido há séculos em torno da vinha e do vinho, como é o caso do Douro, não podia cair na margem das nossas preocupações, ao contrário. De facto, as gentes da região, sobretudo as de mais idade, guardam na memória preciosos informes reveladores de pormenores que importa não deixar perder, fixando-os em texto. São páginas de história viva que convém associar aos vestígios materiais e documentais que permitem ao historiador olhar de forma mais próxima a realidade vivida.

As entrevistas que se seguem foram transcritas por Acélia Gonçalves e Sandra Ribeiro alunas do curso de Sociologia da Faculdade de Letras da Universidade do Porto e constituem parte de um trabalho de campo desenvolvido na cadeira de História da Cidade do Porto (2006/2007). No âmbito desta unidade curricular do Curso de História da nossa Faculdade mas aberta à frequência por alunos de outros cursos, são abordados os laços de complementaridade entre a cidade e a região do Alto-Douro. Complementaridade intemporal, temo-lo reafirmado frequentemente,

* Coordenador Científico do GEHVID

gerada por razões de natureza económica a que o vinho do Douro, baptizado com o nome Porto, deu forte impulso, fomentando outras trocas criadoras de vivências sócio-culturais que deixaram marcas perenes entre estes dois pólos de desenvolvimento – o Douro vinhateiro e o Porto – ambos classificados hoje património da humanidade.

Os entrevistados que abrem a série que ora se inicia e esperamos tenha continuidade, vivem ou viveram em áreas geográficas do Vale do Douro bem diferentes e pertencem a meios sociais muito distintos. João Guimarães nasceu e viveu em Santa Marta de Penaguião, coração do Douro histórico, terras que Frei João de Mansilha calcorreou a convencer os lavradores das freguesias limítrofes para o acompanharem na tarefa de validar junto de Sebastião José de Carvalho e Melo a ideia de criar em 1756 a Companhia Geral da Agricultura das Vinhas do Alto-Douro e a demarcar as vinhas que produziam os vinhos destinados à Feitoria Inglesa do Porto. Paulo Barreto, nasceu em Vila Real e como afirma, a sua vida é marcada por laços familiares que nunca o afastaram do Douro onde os seus pais possuíam uma quinta. Por sua vez, o barqueiro Joaquim da Costa Fernando Castelo deixa-nos um testemunho igualmente subsidiário de como era a vida nas margens do rio e a sua actividade transportadora de vinhos ainda no século XX.

Quero deixar aqui testemunho de agradecimento não apenas aos entrevistados mas também às alunas que, no terreno, desenvolveram o trabalho que tornou possível fazer chegar às páginas da Revista Douro – Estudos & Documentos os testemunhos orais que convidamos o leitor a ler.